



Do Averso: sobre a atualização e atualidade de uma abordagem de ensino e aprendizagem da arte

Rita Luciana Berti Bredariolli

Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"

IA-UNESP

Orcid: 0000-0003-2739-6933

RESUMO

Por meio de uma articulação poética entre texto e imagem, busco evidenciar a atualidade de uma abordagem para o ensino da arte por seu caráter político, ético e estético na relação com manifestações estéticas que contradizem a opressão de um sistema monocultor heteronormativo.

Palavras-chave: ética, estética, política, arte, educação

RESUMEN

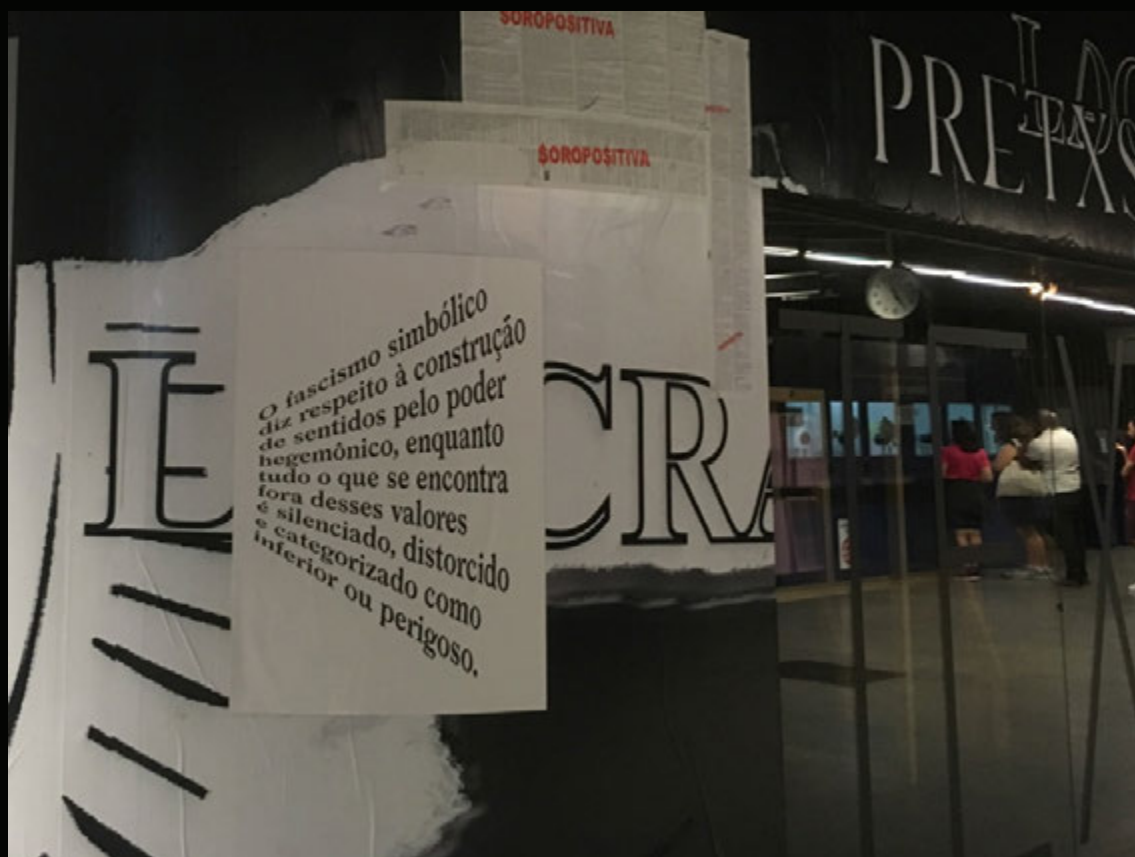
A través de una articulación poética entre texto e imagen, busco resaltar la pertinencia de un abordaje de la enseñanza del arte por su carácter político, ético y estético en relación a las manifestaciones estéticas que contradicen la opresión de un sistema de monocultura heteronormativo.

Palabras clave: ética, estética, política, arte, educación

ABSTRACT

Through a poetic articulation between text and image, I seek to highlight the relevance of an approach to the teaching of art for its political, ethical and aesthetic character in relation to aesthetic manifestations that contradict the oppression of a heteronormative monoculture system.

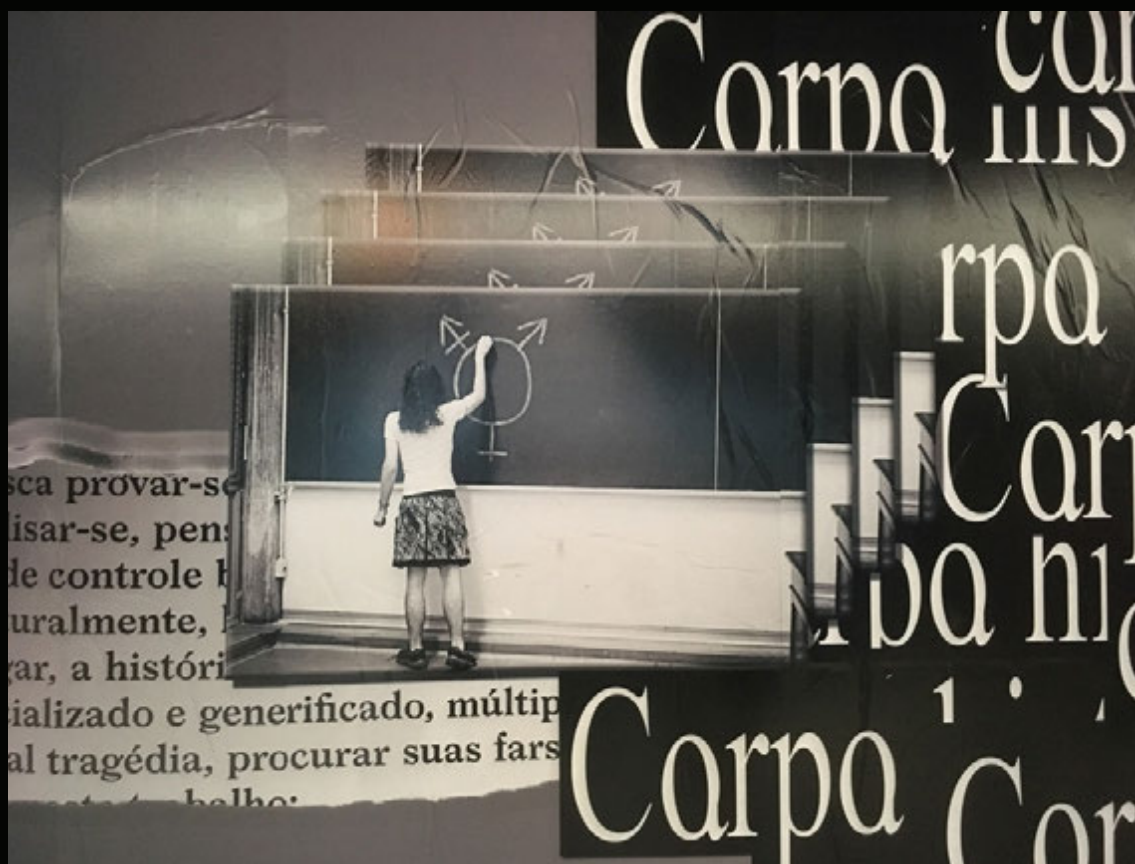
Keywords: ethics, aesthetics, politics, art, education



No princípio não era só o verbo, mas ele também se fez carne. No prefácio escrito em 2000, mantido na 3ª. reimpressão, 2ª. edição do Manifesto Contrassexual de Paul B. Preciado, publicada pela editora brasileira n-1 em 2017, Marie-Hélène Bourcier diz que a filosofia feita por Preciado seria o equivalente ao que o punk ou rap fizeram com a música (Bourcier, 2017, pp. 9-15). Um trabalho caracterizado por uma enorme capacidade de deslocamento, insistente na exposição das “contradições discursivas e epistemológicas presentes nas reflexões sobre a política da sexualidade e dos gêneros”, em busca por desmascarar os persistentes binarismos enganosos, explicitando as fraturas existentes na oposição dos binômios: “homossexualidade/heterossexualidade, homem/mulher, masculino/feminino, natureza/tecnologia”. Nesse Manifesto, Preciado provocará esses deslocamentos ao abordar o “tropo marginal do dildo”. Feliz escolha de Bourcier ao identificar esse recurso epistemológico de Preciado, como um tropo e não um tópos. Como uma figura de linguagem,

uma imagem, capaz de provocar desvios e de esquivar estigmas. Capaz de revolver ordenações normativas perversas e pervertidas por dissimularem as violências que regulam operações de naturalização, essas que engendram a “normalidade” em oposição à “marginal anomalia” forjada como abjeção. O movimento mais sofisticado das tecnologias, segundo Preciado, consiste em se apresentar exatamente como natureza.

Na “ausência de solução no horizonte, inventar o Arquivo” (Preciado, 2017, p. 214), degenerando lugares comuns, abrindo ou ocupando, amorosamente, generosamente, fendas por circuitos poéticos, fraturando a linguagem, rompendo aparências, desunindo a unidade de tempo em inserções políticas. Regenerando modos de vida, modos de pensamento. Gerando, em licença poética, ou em contato com outros idiomas, lugares de resistência em visualidades ou outras formas de manifestação do sensível/inteligível. No princípio era a poética, em carne viva do corpo político.



A “política” como experiência estética. Política como rearranjo de corpos e lugares, fazendo “ver o que não cabia ser visto”, ouvir o que “só era ouvido como ruído”. Conceito oposto ao de “polícia”, processos “pelos quais se operam a agregação e o consentimento das coletividades, a organização dos poderes, a distribuição dos lugares e os sistemas de legitimação dessa distribuição”, como elaborado por Jacques Rancière (2018, pp. 41-43).

O procedimento textual de Preciado, seguindo Bourcier realiza-se em deslocamentos, em trânsitos, resultantes de processos de tradução-produção. Um tradutor, segundo Susana Kampff Lages (2007) é um “mestre das passagens e intervalos”, situando sua atuação em um “lugar fronteiro”, uma das características de sua função. A tradução é tarefa das passagens, dos intervalos, dos pontos de contato, das fraturas, das nuances. Uma “coreografia de correspondências e divergências”, de analogias, entre médiuns. Uma transcrição diria Haroldo de Campos. Um trabalho, portanto, da imaginação. Um trabalho poético, como diria Jacques Rancière (2010). Um trabalho político. Para Bourcier no trabalho de Preciado a tradução se firma como uma operação política de leitura, podemos dizer, marcada por um momento crítico, perigoso, que estaria na base de toda a leitura, segundo Walter Benjamin.

No âmbito do ensino da arte brasileiro, encontramos um lugar comum a este descrito por Bourcier ao apresentar sua leitura, crítica, poética e política, dos procedimentos, também críticos, poéticos e políticos de Paul Preciado que subsidiam sua tradução – sua leitura - de “mundos”. Em 1991 era divulgada pela primeira vez o que atualmente é chamada de Abordagem Triangular. Um sistema de ensino e aprendizagem de arte articulado pelo movimento interativo de três ações interdependentes, complementares e indissociáveis: leitura, contextualização e produção. Sistema triádico criando uma espécie de circuito, elétrico, revirando do avesso, modos de pensar e realizar o ensino da arte.

A elaboração, circulação e recepção da Abordagem Triangular, criada por Ana Mae Barbosa gerou - e continuando gerando – uma energia desestabilizadora e motora neste campo de conhecimento, o do ensino da arte no Brasil. Seu potencial mantém-se em revisões, práticas, detrações, preservando-se em atos, em atualizações, em atualidade. Sua força motriz deriva de um profundo envolvimento ético e estético, portanto, político, com os processos

de construções de conhecimentos sobre sistemas de produção, circulação e recepção artísticos. Busca a aproximação aos avessos destes sistemas, situando o conteúdo arte sob agenciamento crítico em relação à sua ecologia, aos seus contextos e modos de produção, circulação e recepção, incluindo as violências de poder que os definem em estruturas hierárquicas e excludentes. A produção artística entendida em sua expansão cultural, política, econômica, ideológica e simbólica. Seus valores de uso e culto, evidenciando estruturas e interesses, virando do avesso estes sistemas pelo acesso ao conhecimento sobre seus modos de produção e circulação, tecnologias que determinam acessos e modos de recepção, que agem em nossa “leitura”, em nossa tradução de mundos. Tendo como um de seus fundamentos a concepção de leitura crítica de Paulo Freire, a Abordagem Triangular reivindica como tópos e tropos a produção estética em seus contextos de produção, circulação e recepção, incorporando também como assunto fundante, as relações de poder que os constitui, expondo, também pelo avesso, as instituições responsáveis por essas determinações como escolas ou museus. É legítima a crítica de que a própria Abordagem Triangular tornou-se pelos modos de circulação e recepção, uma instituição, refratária ou imune à refutabilidade, e hegemônica, explicitando seu valor de culto. Esta também é uma possível leitura, também mobilizadora. No entanto, como a própria autora desta Abordagem disse por uma citação em epígrafe da primeira edição de seu livro “A imagem no Ensino da Arte” (2009), responsável pela divulgação desta Abordagem, então nomeada “metodologia”, a articulação entre leitura, produção e contextualização como corpo político de um processo de construção de conhecimentos é o que, afinal, é a sua base. Não se trata de uma prescrição ou imposição. Não se trata de aplicabilidade ou redução a um procedimento metodológico único. Não se trata de um sistema monocultor, evocando aqui as sempre bem-vindas palavras de Geni Nuñez (2022). A Abordagem Triangular é agrofloresta, um sistema vivo, aberto à relação com a diversidade, pluralidade e diferenças de leituras, interpretações, traduções e modos de realização, de quem com ela se relacionar, em contextos de onde for. Imergir nos textos, no pensamento e ações de Ana Mae Barbosa é experimentar o avesso - o nosso avesso - exposto por revolvimentos de nossas colonizações. É escapar do que Rita Segatto (2021) propõe como “pedagogia da crueldade”

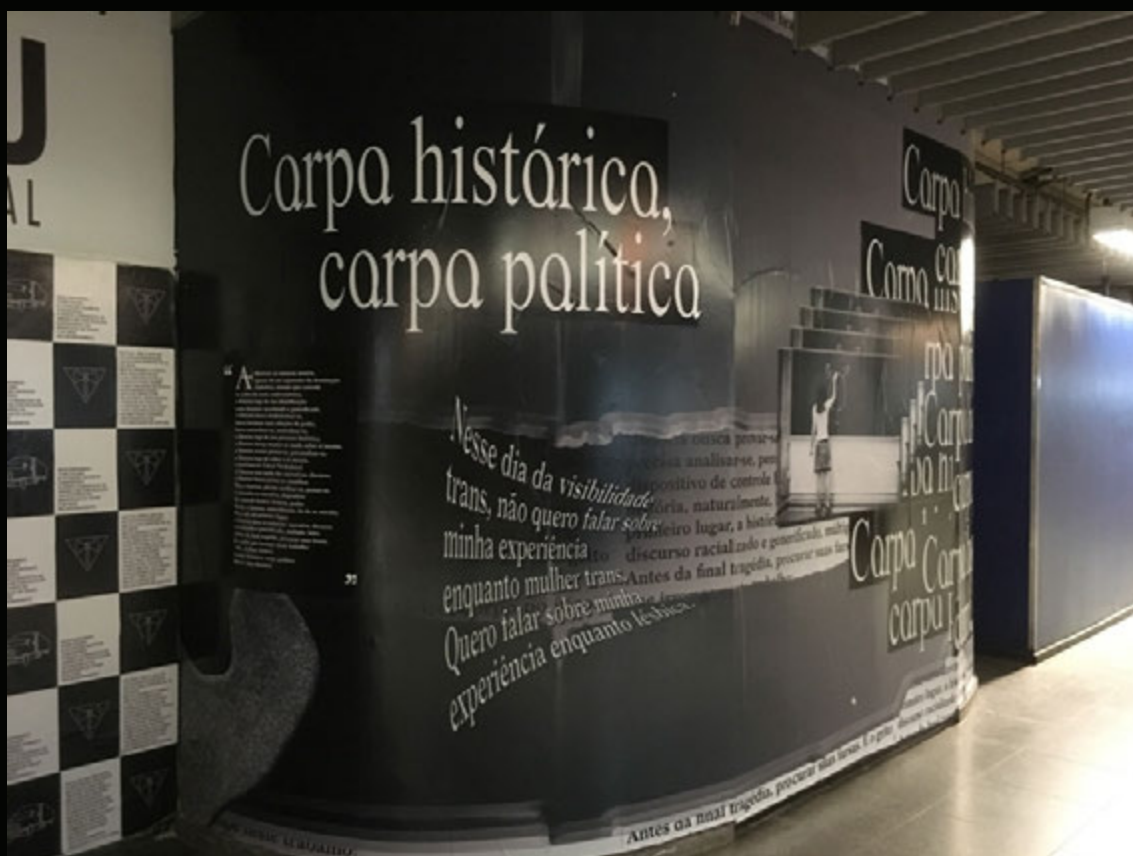
no pequeno, mas fundamental texto *The risk is (un) real*. Ao revirar os sistemas de produção, circulação e recepção estéticas do avesso, nos desvencilhamos de condicionamentos, dos policiamentos, das colonizações de nossos imaginários, de nossas subjetividades, abrindo espaço e caminhos para o exercício político, reinventando-nos, ao avesso. Ao avesso e em aversão à crueldade, à violência de um mundo embrutecido, criado por homens e mulheres embrutecidos, que desconsideram a vida, optando por sua destruição. Necropolítica. Extermínio de vidas, de pessoas, de comunidades, determinadas, historicamente, socialmente, como corpos, corpos descartáveis. “O Brasil é o país que mais mata” transexuais, mulheres, pessoas negras, indígenas, ambientalistas. 33 milhões de pessoas passam fome no Brasil em 2022.

Apodrecimento planejado servindo de alimento aos vermes.

Mas há muitas que atuam no avesso, mantendo possibilidades de vida, de oposição à perversidade do naturalizado, de aversão à pedagogia da crueldade.

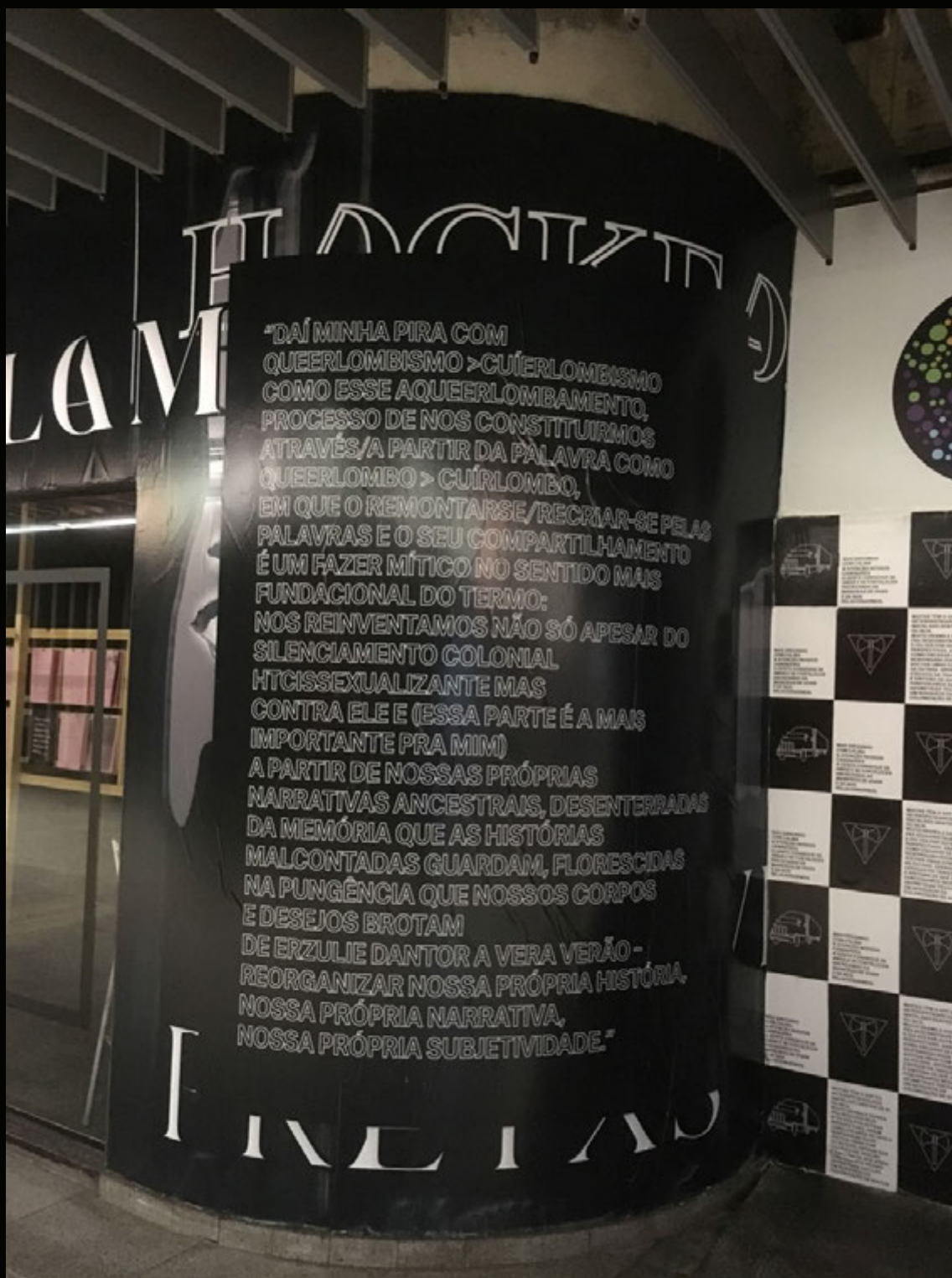


Do avesso era, foi, é um museu. Um museu pequeno encravado em uma passagem pública. Um museu do avesso, pois, usa, usava sua própria estrutura arquitetônica como dispositivo de visibilidade. Não guardava apenas para si, ou para um público seletivo o que elaborava como discurso. Um museu do avesso por operar como contradição ao aparato simbólico da instituição museu. Não era mantenedor de estéticas dominantes, guardião de espoliações ou domesticador de produções artístico-culturais dissidentes. Este museu do avesso opera, operava por princípios públicos, visando os direitos humanos e o combate à violência de gênero.



Este Museu, o da Diversidade Sexual foi fundado em 2012 como equipamento cultural, como política pública de âmbito estadual. Ocupa, ocupou uma estação de metrô na cidade de São Paulo, a Estação República, e é considerado o primeiro equipamento cultural da América Latina voltado à valorização do patrimônio artístico-cultural da comunidade LGBTQIAPN+. O Museu da Diversidade Sexual foi fechado em 2022. O embrutecimento, a pedagogia da crueldade em reação. Mas o Arquivo foi inventado, e pode – ainda- ser acessado.

Um museu-obra, ocupando um contexto-mundo, provocando irrupções e deslocamentos na passagem de subjetividades. Partição do sensível gerada pela “artivação” concomitante entre produção, contextualização e leitura.



Referências Bibliográficas

Barbosa, A. M. T. (2009). *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 7ª. ed. rev. São Paulo: Perspectiva.

Lages, S. K. (2007). *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. São Paulo: Edusp.

Nuñez, G. (2022). Poéticas, Saberes e Memórias. *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qLo0enFBK1k>>.

Preciado, P. (2017). *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições.

Rancière, J. (2018). *O desentendimento: política e filosofia*. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34. (Coleção Trans).

Rancière, J. (2010). *O espectador emancipado*. Tradução ao português José Miranda Justo. Lisboa: Orfeu Negro.

Segatto, R. (2021). *The risk is (un) real*. Disponível em <<https://www.n-1edicoes.org/the-risk-is-un-real?>>>.

Imagens

As imagens que compõem este ensaio são de autoria de Rita Luciana Berti Bredariolli, produzidas como registros da exposição “Textão” realizada no Museu da Diversidade Sexual entre 2018 e 2019.



"Floresce"
Lia Testa